

Orientações Pedagógicas

Carta (pessoal, do leitor ou oficial)

9º Ano | 1º Bimestre | 1º Ciclo

Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.

Por que ensinar?

- Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.

Condições prévias para aprender

- Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.



Como ensinar?

- Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e links que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



O que ensinar?

Leitura

- Reconhecer a estrutura das cartas pessoal e oficial (requerimento, ofício e solicitação), diferenciando-as quanto à sua finalidade e esfera de circulação.
- Reconhecer a estrutura do currículo, atentando para as diferentes finalidades que este possa ter.
- Identificar a argumentação na carta do leitor.
- Reconhecer os níveis de formalidade empregados nos textos.

Uso da língua

- Reconhecer e utilizar os pronomes de tratamento.
- Utilizar adequadamente as expressões-padrão e os verbos nas cartas oficiais.
- Reconhecer e empregar adequadamente a regência verbal e nominal.
- Apropriar-se adequadamente das regras de realização da crase.

Produção textual

- Produzir os tipos de cartas estudados.
- Preencher um currículo de acordo com os padrões observados.

Por que ensinar?

As práticas de leitura e a escrita são necessárias para que tenhamos autonomia e sejamos, de fato, sujeitos de um processo de mudanças exigido pela sociedade. Não podemos desejar menos que isso para os alunos. Por essa razão, precisamos apresentar-lhes os mais variados gêneros textuais, para que aprendam a ler e a escrever de modo mais consistente, e para que possam atuar como agentes transformadores na sociedade de forma profícua. Assim, neste bimestre teremos a oportunidade de trabalhar com o gênero carta em seus diferentes registros formais e informais. Será uma oportunidade para que se conheça mais da realidade do aluno, que será instado a se mostrar como leitor, como consumidor, enfim, como cidadão. Será, enfim, uma oportunidade para que o aluno comece a se enxergar como cidadão, que tem direitos e deveres, os quais se poderão exercer na sua escrita.

Partindo dessa premissa, entendemos que *Gêneros textuais* devem ser definidos como “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (Marcuschi, 2005, p. 19)¹. Assim, os gêneros textuais contribuem para estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia, caracterizando-se por sua maleabilidade, dinamicidade e plasticidade. Isso faz com que sejam inúmeros e sujeitos a mudanças ao longo do tempo, à medida que são selecionados pelos falantes da língua. Isso explica, por exemplo, porque temos tantos exemplos diferentes de carta, propaganda, anúncio, artigo científico, etc.

1 MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

De uma forma geral, podemos declarar que cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes e a contextos situacionais definidos. Isso significa afirmar que a produção dos discursos está estreitamente vinculada à situação de uso da linguagem, por meio das experiências humanas. É nesse sentido que os gêneros textuais também podem ser caracterizados como formas culturais e cognitivas de ação social, sujeitos a adaptações conforme as necessidades do homem, que os manipula, transforma, por meio de mesclagens e outros processos que impliquem o uso da cognição.

Bakhtin (2003, p. 268)² é um dos mais importantes precursores da chamada teoria dos gêneros. Daí, a importância de analisarmos a definição para gêneros textuais (ou discursivos) cunhada pelo autor:

“

Os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode integrar o sistema da língua, sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

”

Assim, para Bakhtin (2003), os gêneros textuais estão ligados fortemente à organização da sociedade. Poderíamos acrescentar que é nesse sentido que são maleáveis, dinâmicos e plásticos, ou seja, surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas cultura sem que se desenvolvem. É sob essa perspectiva que compreendemos os gêneros textuais também como entidades relativamente estáveis, no sentido de que, do ponto de vista enunciativo e do quadro teórico-social da língua, apresentam fronteiras e características fluidas.

Tipos de texto, por sua vez, designam uma espécie de “construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, modos verbais, relações lógicas)” (Marcuschi, 2005, p. 22). Abrangem normalmente as seguintes categorias: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção*.

2 BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Segundo uma perspectiva tradicional, as atividades de análise e produção de textos estavam pautadas apenas no trabalho com *tipos de texto*. Assim, costumeiramente pedia-se ao aluno para produzir *redações* ou, no máximo, *dissertações*. Esse tipo de trabalho com o texto não privilegiava o uso funcional da língua, mas apenas os aspectos mais formais da constituição do discurso.

Por outro lado, o trabalho com tipos de texto (ou sequências tipológicas) deve ser contemplado, mas sob outras bases. Em se tratando de um trabalho proveitoso e útil com os diversos tipos de carta, por exemplo, é fundamental que os alunos tenham um bom conhecimento acerca dos tipos de texto. Afinal, a caracterização de uma carta é, em grande medida, feita também pelas sequências tipológicas que a instanciam.

Assim, por exemplo, cartas pessoais tendem a apresentar muitas sequências narrativas. É muito comum que as cartas pessoais relatem episódios vividos ou testemunhados pelo produtor desse gênero. As cartas do leitor, por outro lado, utilizam a argumentação em maior medida, tendo em vista a necessidade de convencimento do leitor. Dessa forma, sem dúvida, as noções de tipo de texto e gênero textual, apesar de distintas, mantêm muitas imbricações.

A orientação para o trabalho com gêneros textuais está no centro dos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa. Vejamos:

“

“[...] não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.” (PCN, 23)

”

Dentre os gêneros que serão trabalhados no 9º ano, destacamos a **carta**, visto que suas múltiplas formas encontram amplo uso e circulação na sociedade. Desde os tempos mais remotos, esse gênero é utilizado. Em se tratando de nossa história, é por meio desse gênero textual que os navegadores descrevem a nossa terra ao rei de Portugal. É também por meio desse gênero que surgiram tantos outros gêneros textuais mais modernos, como o *e-mail*. Em linhas gerais, o ato de escrever e ler cartas está ligado a uma das mais antigas ações do ser humano: a de contar histórias. Contamos histórias para entreter, divertir, informar, defender pontos de vista, vender produtos etc. Sem dúvida, portanto, trata-se de um gênero textual muito útil ao processo de ensino-aprendizagem em língua portuguesa, uma vez que podemos trabalhar com diferentes aspectos de análise linguística. Nesse contexto, podemos explorar questões relacionadas a registro formal, informal, considerando-se a carta que for produzida; aspectos gramaticais como utilização do vocativo, além do trabalho com regência verbal e nominal, são exemplo de como esse gênero pode ser explorado em sala de aula.

Devemos destacar também que, entre os diversos tipos de carta, precisamos focalizar as **cartas do leitor**, que são predominantemente opinativas, e possibilitam ao aluno a leitura de opiniões diversas sobre um ou mais temas. Confrontando opiniões diversas, o aluno tem mais facilidade de formar sua própria opinião, consolidando-a de forma oral e escrita, estabelecendo parâmetros mais precisos que correspondam à possibilidade de seu desenvolvimento nos meios acadêmicos.

É possível que muitos alunos não reconheçam a carta como um gênero de intensa circulação em nossa sociedade, haja vista o advento das modernas tecnologias. Essa percepção, contudo, é apenas aparente, visto que as cartas continuam tendo grande circulação. Em se tratando de cartas do leitor, não é diferente. Aliás, é cada vez mais comum que sejam utilizadas com o suporte da tecnologia da informação, que permite a transmissão e publicação desses textos de maneira ainda mais ágil e dinâmica.

Vale destacar que o domínio desse gênero será fundamental para que o aluno cresça no exercício de sua cidadania. Afinal, as cartas servem para comunicar mensagens, publicar protestos, marcar opiniões, reivindicar direitos e tantas outras funções importantes em nossa sociedade. Então devemos destacar na produção de tais textos a sua função social e não apenas discussões sobre questões puramente gramaticais.

Além das cartas pessoais e cartas de leitores – que diferem em aspectos como registro, estrutura etc. – também serão trabalhados textos oficiais, como é o caso dos requerimentos, ofícios, memorandos, dentre outros. A elaboração do currículo mínimo entende que o trato

com tais gêneros deve-se dar já neste momento em que o aluno está em processo de maturação. Embora se possa questionar que o contato com os textos será raro, o mesmo acontecerá com muitos outros gêneros com os quais os alunos lidarão em sua vida adulta.

Lidar com textos oficiais não significa aprender estruturas cristalizadas, formas pouco usuais da língua e exercícios de ortografia pura e simplesmente. O trato com esses textos pressupõe um domínio da norma culta padrão por parte de quem escreve, o que servirá de ferramenta para a produção de outros textos tão formais quanto. É importante para os alunos entender que diferentes contextos de produção exigirão formas distintas de elaboração de seus textos, no que diz respeito a tratamento, conteúdo – a forma de desenvolvê-lo, principalmente –, além da maneira adequada de concluí-los. Assim, além de treinar os estudantes no domínio da norma, esses gêneros ajudarão os alunos a manter a disciplina na escrita. Tudo com o devido auxílio e direcionamento do professor.

Condições prévias para aprender

São diversos os modos de organização das cartas, tanto formais quanto informais, mas normalmente uma determinada estrutura costuma ser identificada em muitos delas. Essa estrutura envolve os seguintes itens, que precisam ser bem explorados:

- Local e data
- Saudação inicial
- Carta propriamente dita
- Despedida
- Assinatura

Por conta disso, é importante que os alunos tenham o hábito de ler muitas cartas, dentro de um tempo designado pelo professor, procurando identificar as suas macroestruturas. É dessa forma que eles poderão identificar a estrutura do gênero, caracterizá-lo, e concluir o que é mais conveniente e adequado a cada situação de uso e de produção desse discurso.

Nesse trabalho de leitura, será importante identificar as partes das cartas e as ideias centrais e secundárias, bem como implícitos, subentendidos e possíveis inferências a partir do contexto. Assim, o professor exercita aspectos formais da produção do gênero em si, além de questões que podem remeter a questões ideológicas presentes na produção.

Será necessário que o aluno conheça as diversas formas de se iniciar as cartas. Nesse ponto, o estudo dos pronomes de tratamento será de grande relevância. Será preciso investigar quais pronomes são mais utilizados em cada tipo de carta. Esse exercício será possível por meio da leitura e comparação de textos diversos. Importante também a apresentação dos vocativos, que serão modificados conforme o grau de formalidade presente nos textos. Mesmo em textos informais, as expressões que podem aparecer nesses vocativos poderão variar de acordo com o tom que se queira trazer ao texto.

Embora haja diversos tipos de carta em que a descrição, a argumentação e a injunção são bem comuns, as cartas costumam ser predominantemente narrativas. Isso implica acontecimentos, personagens, ações, tempo, espaço e outros elementos que comumente são chamados de *elementos da narrativa*. Assim sendo, é muito importante que os alunos tenham contato com esses conceitos, se possível, até mesmo em outros gêneros que sejam caracterizados pela narração.

Não menos importante é o estudo dos verbos. Nas cartas em que a tipologia é predominantemente a narração, é muito comum que o sistema do pretérito seja o mais utilizado, visto que é utilizado para marcar anterioridade da ação narrativa em relação ao ato de narrar. Esse momento, portanto, é muito propício ao estudo dos verbos.

Sugerimos que haja também um trabalho prévio com conectivos, articuladores, operadores e/ou juntivos, especialmente os mais frequentes. Esses elementos linguísticos serão fundamentais na compreensão da progressão e articulação das cartas. Essa é uma forma de facilitar a atividade de detectar as diversas relações semânticas no interior do texto (causa-consequência, adição, oposição, tempo etc.), o que, sem dúvida, é decisivo na compreensão global das cartas, tanto as mais curtas quanto as mais extensas.

O estudo desses recursos linguísticos complementa-se com o estudo da pontuação. O correto uso da pontuação tornará as cartas mais claras, coerente e coesas. Assim sendo, é necessário que se desenvolva um trabalho prévio com o uso de vírgula, ponto final, ponto de interrogação, dois pontos, entre outros sinais.

Em geral, o nível de linguagem ou formalidade das cartas depende dos fins a que elas se destinam. Assim, uma carta para um amigo normalmente será elaborada de maneira mais informal e com usos gramaticais mais simples, talvez até com infrações à gramática da norma culta. Cartas de negócio ou para jornais, por outro lado, já exigirão um nível de formalidade um pouco maior, com consequente respeito às normas gramaticais.

Por isso, o aluno também deverá ter conhecimento prévio acerca do fenômeno da variação linguística, no sentido de perceber o discurso predominante nas cartas, ou seja, o discurso das cartas formais e o discurso das cartas informais, que atendem a propósitos comunicativos diversos. Fica claro, dessa forma, que essa é uma discussão que permeará todo o trabalho do professor nas diferentes séries da educação básica, pois os alunos exercerão essa competência em diferentes momentos de sua vida.

Atrrelado a isso, é desejável verificar o uso das figuras de linguagem utilizadas, dentre outros recursos linguísticos e estilísticos mais usuais. Afinal, são esses elementos que darão o tom mais adequado à produção do aluno. A análise e leitura de cartas diversas apontarão que recursos são mais usuais, instrumentalizando o aluno quanto a seu uso. Isso porque na argumentação essas figuras tendem a enriquecer o discurso do convencimento do outro. É importante que se consiga atender à exigência de haver “uma linguagem comum, de uma técnica que possibilite a comunicação”. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002:17)³. Conforme destacam os autores deve-se estabelecer uma técnica de contato entre espíritos e, para isso, é preciso saber diferenciar os diferentes momentos de produção e os diferentes interlocutores a que os alunos estarão expostos.

É importante que também haja o exercício da leitura de diversas cartas que circulam em jornais, revistas e na web, ou seja, também sob o amparo das novas tecnologias da comunicação e da informação. Esse exercício fará com que os alunos progressivamente conheçam diferentes estruturas de cartas. É importante que haja discussões, quando no caso de cartas de leitores, para que se construam argumentações favoráveis à tese que aluno defenderá nos textos produzidos.

Com relação à organização da sala de aula, para a leitura de cartas, é importante dispor as cadeiras de modo que haja um ambiente propício à leitura colaborativa e compartilhada. Trabalhando dessa forma, os alunos também simularão o exercício de cidadania, o que só reforça a importância do trabalho com esse gênero textual.

O diálogo e a cooperação serão atitudes fundamentais para o sucesso do trabalho com leitura desses textos. Por exemplo, as cadeiras poderão estar dispostas em círculo ou outra forma que atender melhor às expectativas do professor.

3 PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Como ensinar?

Listamos, a seguir, alguns dos melhores e mais acessíveis materiais que você poderá acessar para elaborar especificamente as aulas deste bimestre:

Links

Categorias de Texto como Objetos de Ensino

- http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/artigo_categorias_de_texto_como_objeto_de_ensino.pdf

Artigo disponível no Blog do linguista Luiz Carlos Travaglia, apresentado originalmente no GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL, no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - Domínios do Saber: história, Instituições e Práticas. Aborda as categorias de texto em uma perspectiva pedagógica e as formas de instituí-las em objetos de ensino. O autor apresenta a discussão sobre os PCNs que tornaram oficial a necessidade de o ensino de língua portuguesa centrar-se nos gêneros e em seu funcionamento discursivo. O foco do artigo dirige-se à prescrição dos parâmetros em relação às competências e habilidades que permitem ao aluno reconhecer as características dos gêneros, a adequação do texto ao gênero, a necessidade e a validade de trabalhar com os gêneros.

- <http://www.brasilecola.com/redacao/carta.htm>

Este link leva a um material bastante sucinto acerca dos diferentes tipos de carta: pessoal, comercial, aberta, do leitor etc. Serve como um material muito bom, se o objetivo é apresentar uma síntese do assunto.

- <http://www.brasilecola.com/redacao/a-carta-leitor.htm>

O link acima explica detalhadamente o objetivo e a estrutura de uma carta do leitor. Utilizando-se de uma linguagem bastante didática, o site nos oferece algumas orientações, inclusive, para redação desse gênero textual. Há um exemplo de carta de leitor real, extraída de um periódico, o que facilita ainda mais a apreensão do gênero.

- <http://www.mundoeducacao.com.br/redacao/cartas-leitor.htm>

Por meio do link acima, você poderá ter acesso a duas cartas do leitor, também com linguagem simples e acessível ao aluno do 9º ano. Além dos exemplos, o site disponibiliza as principais características desse gênero. É um link que complementa o que foi apresentado anteriormente.

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18991>

Prezado professor, o link acima disponibiliza um plano de aula sobre o tema “Carta do leitor”. A Profª Vilma Aparecida Gomes, de Uberlândia-MG, traz sua experiência de sala de aula ao tratar do assunto. A aula propicia um trabalho que envolve produção de textos orais e escritos. Entre os objetivos da aula, estão os seguintes, textualmente citados pela autora: conhecer a função comunicativa do gênero carta do leitor, publicada em jornais; ler diferentes cartas sobre o mesmo tema; aprender a estrutura composicional do gênero carta do leitor; reconhecer o espaço do jornal em que a carta do leitor é publicada; produzir uma carta para ser publicada no jornal escolar, depois de ler uma notícia ou reportagem nele publicadas.

- <http://www.alunosonline.com.br/portugues/carta-leitor.html>

O link acima trata da carta do leitor, especialmente no que concerne aos seus objetivos. Sugerir, criticar, protestar, entre outras ações, são as experiências normalmente ligadas ao objetivo de uma carta do leitor. Além dos objetivos da carta do leitor, o site aborda três outros aspectos diretamente ligados a esse gênero: sua estrutura, forma e linguagem característica.

- <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1156-4.pdf>

O link acima encaminha o leitor para um interessante artigo de Márcia Helena Ortiga Buani, professora da rede estadual do Paraná. O mérito do texto está em aliar apontamentos teóricos atualizados sobre o assunto com a tarefa de implementar uma sequência didática baseada na carta do leitor com alunos do 3º ano do Ensino Médio. A experiência da autora pode ser perfeitamente adaptável ao contexto de ensino no 9º ano.

Sugestão: Procurar a seção de carta dos leitores dos principais jornais e revistas em circulação no Brasil e Estado do Rio de Janeiro – Exemplos:

- <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT787092-2119,00.html>

Livros didáticos

- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
Fornece subsídios teóricos e algumas sugestões de trabalho com os gêneros textuais presentes nos meios de comunicação, enfatizando seu funcionamento e constituição. Recomendamos, de maneira muito especial, a leitura do último capítulo – Por que cartas do leitor na sala de aula?, de Maria Auxiliadora Bezerra.
- NEY, João Luiz. **Prontuário de redação oficial**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
O livro oferece modelos de textos oficiais, destacando aspectos da norma gramatical que devem ser observado na produção de cada um. Embora extremamente formal, é material de grande valia no domínio discursivo dos textos oficiais, já que há um sem número de exemplos de textos, sua finalidade, a quem se destinam e formas a serem utilizadas.
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Org. e trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
As concepções desses autores serviram de estofo ao que se refere a gêneros textuais no PCN. É uma referência que elucida de maneira prática o encaminhamento metodológico dos gêneros em sala de aula, instrumentalizando o professor para planejar suas aulas a partir da exploração dos gêneros textuais.
- RODELLA, Gabriela et al. **Português: a arte da palavra**. 9º ano. São Paulo: Editora AJS, 2009.
Esse livro didático está organizado em capítulos cujo foco é o trabalho com gêneros. Sugerimos a leitura das páginas 198 a 203, que trata de carta do leitor. As atividades propostas e a riqueza de textos apresentados certamente enriquecerão o trabalho pedagógico que se quiser desenvolver em torno desse assunto.

- VIEIRA, Maria das Graças; FIGUEIREDO, Regina. **Ler, entender, criar – língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2004. 6ª série.

Essa obra tem o mérito de associar o gênero carta ao gênero e-mail. Por meio de um vocabulário muito simples, as autoras sugerem muitas atividades, como a troca de cartas entre colegas, além de orientações sobre como preencher os envelopes de carta. Sugerimos a leitura das páginas 134 e 135.

- VIEIRA, Maria das Graças; FIGUEIREDO, Regina. **Ler, entender, criar – língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2004. 7ª série.

No volume da 7ª série, páginas 159 a 162, os autores exploram a estrutura e a função das cartas dos leitores. Segundo Vieira e Figueiredo (2004), esse gênero serve para “manifestar um ponto de vista”.

- FARACO; MOURA. **Linguagem Nova**. São Paulo: Ática, 2001. 6ª série.

Nessa obra, páginas 183 a 185, os autores abordam brevemente a carta comercial, que costuma ser escrita em papel timbrado, com o nome e endereço da firma ou da instituição que as remete. Trata-se de uma abordagem um pouco distinta das demais, mas que pode enriquecer bastante o trabalho pedagógico do professor.

- MARCONDES, Beatriz; PARISI, Paula. **Português: dialogando com textos**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2003. 7ª série.

O objetivo dos autores, nas páginas 82 a 84, é propor um trabalho em que a carta seja utilizada para relatar uma experiência vivida. Para isso, é sugerido que haja troca de correspondência entre diferentes turmas da escola ou entre turmas de diferentes escolas.

- BELTRÃO, Eliana; VELLOSO, Maria Lúcia; GORDILHO, Tereza. **Diálogo – Língua Portuguesa**. São Paulo, FTD, 2001. 8ª série.

Os autores apresentam um projeto de redação intitulado Letras Itinerantes. Após apresentar uma breve contextualização histórica do gênero carta, os autores apresentam um passo a passo sobre como tomar posições, resolver conflitos e arquitetar ideias. Existem muitas curiosidades, como o modo utilizado para Manuel Bandeira e Mário de Andrade trocarem ideias. O projeto vai da página 102 a 113.

- SOUZA, Cassia Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **Linguagem: criação e interação**. São Paulo: Saraiva, 2002. 5ª série.

As autoras dessa obra propõem a leitura de cartas extraídas do livro dos mineiros Vivina de Assis Viana e Ronald Claver. Trata-se de uma abordagem bastante didática, em que há um exemplo analisado de carta, além de instruções sobre como preencher envelopes. A abordagem sobre carta vai das páginas 188 a 190.

- SARMENTO, Leila Lauar. **Português: leitura, produção, gramática**. São Paulo: Moderna, 2002.

Na seção de produção de textos, página 230 a 234, a autora apresenta diversos tipos de carta: carta literária, carta familiar e carta comercial. Todos os exemplos são devidamente analisados e são seguidos de atividades que podem ser desenvolvidas pelos alunos.

Como avaliar

Em toda a atual proposta curricular de Língua Portuguesa/Literatura, indicamos com razoável nível de detalhamento, atividades para ensinar que, naturalmente, também devem servir para a realização de avaliações (especialmente as do tipo formativas).

Devemos destacar a importância de que sejam estabelecidas avaliações que se equilibrem ao longo do bimestre (e não só ao fim do conteúdo), e também que sejam propiciadas aos alunos as condições para uma eventual reformulação das cartas produzidas, por ocasião das atividades de produção textual.

No caso das avaliações escritas, é importante que as atividades versem desde sobre a identificação dos elementos da narrativa até tarefas de produção e refação de cartas, dos mais diversos tipos.

É fundamental que as cartas produzidas tenham destinatário e contextos de produção reais. Isso significa que todas as cartas, como é característico ao gênero, encontrem circulação, mesmo que seja dentro da própria sala de aula, trocando-as entre os alunos ou expondo-as nos murais das paredes da sala de aula.

Outra forma de propiciar a circulação efetiva das cartas é por meio da publicação em blogs ou criados ou utilizados pela turma. Os blogs destacam-se como importantes suportes para publicação de trabalhos, visto que contam com a aprovação dos adolescentes e jovens, são totalmente gratuitos e, por fim, permitirão a ligação desse trabalho com outros a serem produzidos nos bimestres seguintes.

No campo da língua falada, também é interessante propor atividades em que as cartas sejam oralizadas, ou até mesmo que seja criado uma espécie de programa em que diversas cartas dos leitores produzidos pelos alunos sejam lidas, traduzindo protestos, iniciativas de cunho popular, reivindicações, elogios etc.

A avaliação deverá ser contínua, sob a expectativa de construção de conhecimento crítico por parte do aluno. É esperado que o aluno compreenda informações explícitas e implícitas no texto, que reconheça aspectos de coerência e coesão textuais, e que consiga dominar procedimentos metodológicos diversos, como a comparação, a classificação, o levantamento de hipóteses, a dedução etc.

Por fim, é importante frisar que o professor não deverá adotar a postura de juiz, mas de mediador. Não caberá ao professor corrigir sempre apenas os aspectos gramaticais das cartas para cumprir a tarefa de conferir nota ao texto do aluno, ou mesmo de apresentar um mero gabarito. Ao contrário, o professor poderá diversificar as formas dessa avaliação, como, por exemplo, pedindo para os alunos lerem os textos dos colegas, analisando e criticando a produção textual, questionando trechos obscuros e sugerindo alterações. Com esse trabalho desenvolvido a partir do olhar crítico de diversos leitores, o aluno-autor verá mais sentido em seu trabalho de produção de textos, o que também o obrigará a ajustar melhor o seu discurso.